

CHIAPAS: OS SUBTERRÂNEOS DA INSURGÊNCIA

Luiz Guilherme Veppo (UNESP/Marília)⁶
guigaveppo@hotmail.com
Financiamento: CNPQ/PIBIC

Resumo: Este trabalho busca refletir sobre uma hipótese elaborada durante a nossa primeira aproximação da discussão sobre as origens do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) e do conhecimento da teoria especificista. O Especificismo é o nome dado pela Federação Anarquista Uruguaia a sua proposta de organização política revolucionária desenvolvida em meados da década de 1960, a partir de um balanço da história do movimento socialista internacional. Em um franco contraponto às concepções vanguardistas de organização, o especificismo se coloca enquanto alternativa organizacional para a militância revolucionária. Tendo em vista os vários elementos em comum entre a teoria especificista e a história do EZLN, pretendemos neste trabalho discutir sobre a possibilidade de utilização da teoria especificista como instrumental teórico para analisar a trajetória do movimento zapatista, por meio da interação entre a organização político-militar (EZLN) e o movimento indígena de Chiapas. Desta forma, faremos uma sumária apresentação dos elementos centrais da proposta especificista de organização revolucionária, seguida pela demarcação das peculiaridades zapatistas e chiapanecas que poderiam distorcer a nossa leitura a partir do especificismo. Concluiremos com a problematização da bibliografia disponível sobre este obscuro período da história do zapatismo e com algumas conjecturas sobre as possibilidades que uma leitura especificista criaria para o avanço da compreensão sobre o fenômeno chiapaneco.

Palavras-chave: EZLN; Chiapas; Insurgência; Especificismo; Anarquismo Organizado.

Introdução

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) desponta para o mundo através de uma ação de extrema ousadia. No primeiro dia do ano de 1994 os rebeldes zapatistas (como eles costumam se denominar) tomam de assalto várias cidades do sudeste mexicano. Contudo, a história deste exército começa pelo menos 10 anos antes, em 17 de novembro de 1983, quando o EZLN é fundado.

Com o levante de 1994 se explicitam algumas debilidades da estratégia de guerra contra o Estado e este malogro viabiliza a emergência de várias questões que se encontravam em latência no seio do movimento zapatista. Deste “fracasso” militar irrompem aspectos ideológicos, objetivos finalistas e uma nova concepção estratégica do EZLN que tem uma sensível aproximação com a proposta anarquista especificista.

⁶ Luiz Guilherme Veppo é estudante de Ciências Sociais na UNESP/Marília e atualmente desenvolve com financiamento PIBIC/CNPQ uma pesquisa que busca compreender as origens do EZLN.

O anarquismo especificista é uma criação da FAU (Federação Anarquista Uruguiaia) pautada na história do movimento anarquista e em uma ampla discussão teórica relativa à organização nos círculos libertários. Embora estejamos cientes das diversas especificidades do EZLN que inviabilizam que o tratemos como uma organização especificista, acreditamos que o especificismo pode ser uma valiosa ferramenta teórica para a análise das enormes lacunas presentes nos anos que precedem o Levante de 1994.

Trabalhamos, portanto, com a hipótese de que alguns elementos centrais do especificismo surgem como uma resposta racional aos anseios revolucionários refratários a idéia de que é possível a utilização do Estado para a superação da sociedade capitalista. A história do anarquismo reforça a nossa tese através dos diversos processos históricos em que a dualidade organizacional foi colocada em prática por militantes libertários sem que desse origem a um conceito, ou a uma teoria organizacional acabada como a levada à cabo pela FAU⁷.

O EZLN se desenvolve a partir de um núcleo de militantes herdeiros da tradição marxista-leninista e embora não se reivindique anarquista, rompe com a estratégia leninista de tomada do poder para a realização do comunismo e desenvolve uma relação política com as comunidades e com o movimento indígena que tem muito a ver com a propalada pelo especificismo.

Tendo em mente que para o anarquismo especificista a revolução se dá de modo processual, em uma longa cotidiana luta pela construção do poder popular, a utilização do especificismo para perscrutar este longo trabalho político realizado pelo EZLN desde a sua fundação até o levante de 1994, se justifica por alguns motivos. Primeiro, porque é durante este interstício que o núcleo político que funda o EZLN sobre uma orientação claramente alinhada com a tradição marxista-leninista vai se afastar da estratégia da tomada do poder e adotar outra concepção estratégica para a realização da transformação social. A proximidade entre a práxis zapatista e a proposta especificista também nos subsidia para conjecturar sobre as diversas lacunas presentes no processo chiapaneco, já que há uma clara aproximação entre as duas concepções estratégicas. Assim a leitura do processo a partir da análise da interação entre a organização político-militar e o movimento social indígena nos dá a perspectiva mais acurada para a compreensão da ampliação da influência zapatista dentro do movimento social

⁷ Para este debate indicamos: CORREA, Felipe. Questões Organizacionais no Anarquismo. Disponível em: < <http://www.anarkismo.net/>> (Acessado em: 3 ago. 2013)

indígena, assim como para o crescimento da organização político-militar.

Com isto buscaremos perscrutar as possibilidades que a adoção do especificismo como referencial teórico podem trazer para a análise deste processo histórico. Além disto, com este trabalho, indiretamente, também suscitamos um debate em torno do papel que este tipo de exercício teórico pode desempenhar para o desenvolvimento da teoria especificista e para a estratégia especificista na luta de classes. Assim, daremos continuidade a este trabalho com uma sumária apresentação do especificismo para buscarmos justificar a sua adoção para a investigação do período mais obscuro da história do movimento zapatista.

Especificismo

Entre as diversas correntes existentes dentro do movimento anarquista, a corrente organicista (que considera imprescindível a organização política para a coordenação da militância anarquista) é uma das mais relevantes dentro do movimento anarquista. Apesar disto, quando o assunto é anarquia ou anarquismo, ainda hoje é comum vermos esta corrente libertária do socialismo ser associada à idéias como: desordem, ausência de organização, espontaneísmo, entre outras.

Não nos cabe neste momento a discussão dos meandros deste intrincado processo que culminou na cristalização desta distorcida “imagem” do anarquismo. Por ora nos contentaremos em ressaltar que a história do anarquismo organizado, de certa forma se confunde com a própria história do movimento anarquista e que o especificismo se coloca como herdeiro da secular história de militância e luta anarquista organizada.

O especificismo é uma concepção de organização anarquista. O termo é utilizado e foi difundido pela Federação Anarquista Uruguiaia (FAU), que com ele refere-se à corrente anarquista que historicamente defendeu a necessidade da organização específica anarquista. Assim, o especificismo acredita que a organização da luta deve se dar em dois níveis distintos: o da organização anarquista e o dos movimentos populares – que devem se formar com base na necessidade e não se resumir a uma determinada ideologia(...). (DICIONÁRIO DE ANARKIA, retirado de página da internet)

Mikhail Bakunin talvez seja o militante anarquista mais conhecido no Brasil. Considerado o fundador do movimento anarquista, ele é um dos “grandes” defensores da necessidade de uma organização especificamente anarquista para coordenar a atuação política dos militantes que estejam em acordo com um determinado programa revolucionário (Leval,

2007). Este teórico militante fundou e participou de uma organização estritamente composta por anarquistas, que se chamava “Aliança da Democracia Socialista” e o principal objetivo desta organização era coordenar o trabalho político da ala bakuninista dentro da célebre Associação Internacional dos Trabalhadores.

Para reforçar a argumentação da importância e relevância da corrente organicista no anarquismo, poderíamos citar mais um importante militante que apontava para a necessidade de uma organização política especificamente composta por anarquistas. Errico Malatesta, assim como Bakunin, entendia que a organização política era fundamental para a realização da revolução social sob a perspectiva libertária, já que o movimento popular/social possui uma série de limites.

(...) em todos os movimentos fundados sobre interesses materiais e imediatos (e não pode estabelecer-se sobre outros fundamentos um vasto movimento operário), é preciso o fermento, o empurrão, a obra combinada dos homens de idéias que combatem e se sacrificam com vistas a um futuro ideal. Sem esta alavanca, todo movimento tende fatalmente a se adaptar às circunstâncias, engendra o espírito conservador, o temor pelas mudanças naqueles que conseguem obter melhores condições. Frequentemente, novas classes privilegiadas são criadas, esforçando-se por fazer tolerado, por consolidar o estado de coisas que desejaria abater. (MALATESTA, *Anarquia e Organização; texto retirado da internet*)

O “Partido Anarquista” é na obra deste autor sinônimo da organização que cumpre a função de ajuntar sobre o acordo pautado em um programa revolucionário a militância anarquista. Contudo, é importante frisar que para Malatesta, “partido” é simplesmente a designação de um agrupamento organizado de pessoas com os mesmos objetivos e que neste caso, o partido anarquista não possui qualquer motivação institucional legal (Malatesta, 2013).

A revolução russa e a derrota política dos militantes anarquistas para o Partido Bolchevique também dá origem a uma corrente organicista, que após a tragédia da makhnovtchina (Makhno, 2001) se organiza no grupo *Dielo Truda*. Sem a menor sombra de dúvida poderíamos seguir elencando vários outros importantes militantes que possuem uma clara relação com o organicismo, contudo, o nosso objetivo consiste somente em defender a tese de que o especificismo é a expressão teórica mais bem acabada de uma prática militante e de um debate teórico consideravelmente recorrente na história do socialismo libertário.

De modo extremamente sumário, ousaríamos resumir a proposta especificista em duas principais idéias: a divisão entre níveis político e social da militância; e a centralidade do

trabalho social, ou de base, como eixo da construção política da proposta anarquista (FARJ, 2009).

A divisão entre o nível político e o social, de certo modo, leva a utilização dos círculos concêntricos para a coordenação da militância anarquista. De modo muito esquemático, poderíamos afirmar que os círculos concêntricos se orientam através dos níveis de: confiança, segurança, comprometimento e responsabilidade existentes entre militantes. O círculo mais interno sempre é o da Organização Específica Anarquista (OEA), pois deste círculo só participam os indivíduos que possuem explícito acordo com o programa revolucionário da organização. Neste esquema teórico existem sempre ao menos dois círculos: o da OEA e o do movimento social. Contudo, podem existir outros círculos que se pautam por outros parâmetros que não são os expressos no programa revolucionário. A idéia é a de que conforme a OEA possui os mais sólidos vínculos políticos e que a identidade e a unidade que constitui cada eventual círculo tende a se enfraquecer conforme os acordos que o definem afastam-se daquilo que pauta o programa da organização revolucionária.

Isto não quer dizer que exista uma hierarquia entre os círculos. Em hipótese alguma isto faz do círculo interno o mais importante, ou o melhor entre os demais. A proposta teórica só é viável com a existência de círculos complementares e interdependentes, pois é através da simbiose entre os círculos que se torna possível a realização dos objetivos finalistas do programa revolucionário. Como afirmamos há pouco: as distinções que existem entre os círculos são estritamente relativas aos níveis de segurança, confiança e responsabilidade existentes entre os militantes envolvidos em cada nível.

Embora tenhamos nos alongado um pouco nesta seção, não é o nosso intuito fazer uma profunda discussão sobre o especificismo, mas somente colocar os aspectos centrais desta corrente que surge da necessidade de fornecer respostas a problemas concretos colocados pela militância revolucionária, para começarmos a esboçar a nossa hipótese de interpretação da história do movimento zapatista.

O EZLN não surgiu como uma organização anarquista e na verdade reivindicava a herança de uma corrente revolucionária que tem uma trágica relação com o anarquismo. Não obstante, é notório que muitos dos elementos que definem as práticas políticas e os objetivos da organização específica em sua relação com os movimentos sociais podem ser observados na relação do EZLN com o movimento indígena radicado na região sudeste do México. Entre eles poderíamos citar a divisão entre os níveis político e social, assim como a utilização dos círculos concêntricos para a organização do movimento zapatista.

EZLN e Movimento Indígena: Algumas especificidades

Como já sinalizamos anteriormente, estamos cientes das dificuldades que a investigação dos anos que precedem o levante de 1994 comporta, dadas as poucas fontes existentes e as enormes lacunas presentes entre as mesmas. Também sabemos que existem várias idiossincrasias chiapanecas que podem criar alguns problemas para a nossa discussão e que por isso precisam ser pontuadas para não incorrerem em perniciosos equívocos. Nesta breve seção, nosso objetivo não é esgotar a discussão, mas apenas pontuar alguns dos aspectos mais singulares da realidade chiapaneca, que caos não sejam devidamente assinalados, podem criar alguns problemas para a realização do nosso trabalho.

Portanto, seria muito pertinente iniciar a nossa depuração do objeto com uma ponderação sobre as orientações políticas e ideológicas do EZLN. Como já foi dito acima, esta organização é fundada no início dos anos oitenta e neste primeiro momento se caracteriza como uma organização vinculada à tradição marxista-leninista com uma forte inspiração foquista (Hilsenbeck, 2009; Le Bot, 1996). Ou seja, logo no início nos deparamos com um primeiro problema para a nossa discussão: é possível usar o especificismo para analisar a interação de uma organização vanguardista com um movimento social? E caso, a resposta seja afirmativa, teria algum valor tal análise? Solicitamos a generosidade dos nossos interlocutores para que nos dêem permissão para não respondermos a estas perguntas já neste primeiro momento e que deixemos para “arriscar” uma resposta após a colocação de outras questões também problemáticas.

Outro ponto fundamental que precisa ser pautado diz respeito às tradicionais práticas de auto-organização presentes em algumas das comunidades maias que entram em contato com o EZLN (Gennari, 2001; Le Bot, 1996). Esta questão talvez seja menos problemática que a primeira, mas isto não quer dizer que também não traga os seus inconvenientes para o nosso trabalho. Pois, por mais que dentro da proposta especificista haja espaço para a influência do movimento social sobre a organização política, dentro do esquema teórico é a organização política específica que impulsiona o movimento social para os objetivos finalistas colocados no programa revolucionário. No caso do movimento zapatista o processo não se dá exatamente desta forma. Não aprofundaremos esta questão agora, mas veremos mais adiante que é possível atribuir ao movimento indígena um maior peso na definição dos objetivos finalistas e até mesmo nos princípios zapatistas do que à organização político-militar que possuía um programa revolucionário consolidado.

Tal questão é bastante valorosa, pois abre uma profícua possibilidade de discussão sobre os limites do movimento zapatista. Seriam estes limites do zapatismo resultado dessa demasiada influência do nível social sobre o político? Uma organização anarquista específica não enfrentaria estes mesmos problemas? Enfim, várias outras questões também podem ser colocadas nesta seara e com isto já podemos começar a avaliar se a colocação destes questionamentos pode trazer alguma eventual contribuição para o debate teórico.

É mister pontuar que os aspectos geográficos, sociais, econômicos e étnicos também possuem contornos específicos neste processo. Quando falamos do movimento zapatista é fundamental ter em mente que se trata de um movimento centrado, quase que exclusivamente, no campo (Figueiredo, 2003; Le Bot, 1996). Conseqüentemente não existem grandes centros urbanos na principal zona de influência zapatista, o que nos leva a concluir que estamos tratando de um tipo de trabalho político muito peculiar, exclusivamente desenvolvido em pequenas comunidades indígenas que possuem uma “cosmovisão” muito específica.

Além disto, é preciso salientar que nem todas as peculiaridades do movimento zapatista são problemáticas. Um exemplo bem emblemático disto, diz respeito à já pontuada organização produtiva da maioria destas comunidades campesinas, que estruturam-se a partir da posse coletiva da terra, dentro dos *ejidos*⁸. Estas comunidades estruturam o trabalho coletivo sobre práticas autogestionárias que representam um aspecto muito favorável para a militância política que já pode contar com o respaldo de certa tradição de auto-organização da vida coletiva.

Por último, mas não menos significativo é o fato de que durante todo o período aqui tratado a militância do EZLN se deu na clandestinidade. Nem é preciso pontuar que este fator impõe uma dinâmica e coloca desafios para o desenvolvimento da atividade política que são muito específicos.

Colocados estes poucos, mas significativos aspectos da singularidade chiapaneca, acreditamos que podemos seguir adiante com a nossa discussão sobre o eventual valor de uma análise especificista deste processo.

⁸ Modalidade de posse coletiva da terra instituída durante a Revolução Mexicana celebrizada no artigo 27 da constituição do México. Uma parte significativa das comunidades indígenas mexicanas organiza o trabalho coletivamente e a vida comunitária em ejidos.

Os subterrâneos da Insurgência

Até agora apresentamos algumas convergências que apontam para a validade de uma leitura especificista da trajetória do movimento zapatista. Nossa hipótese é a de que sendo o período que precede o Levante marcadamente obscuro, por meio da utilização de um referencial teórico com claras aproximações com a longa trajetória do movimento zapatista, teríamos melhores condições para compreender este insigne processo.

Como a história da resistência indígena no México é secular e o seu início pode ser localizado, de certa forma, já nos processos de enfrentamento aos invasores espanhóis (Todorov, 1985), mesmo sabendo que esta histórica insubordinação indígena faz parte do ideário zapatista, não podemos nos deter por muito tempo nestas questões.

A referência ao Exército do Sul, que tem na figura de Zapata o seu maior expoente, também é central para a compreensão da organização do EZLN. Infelizmente, não podemos fazer uma discussão muito aprofundada deste momento de grande radicalidade da resistência campesina no México. Tendo em vista que o nosso objetivo consiste em analisar a simbiose da organização político-militar com o movimento social, nos restringimos a sinalizar a extrema relevância deste processo para o conjunto de valores, aspirações, assim como para as orientações teóricas e práticas dos zapatistas, mas nos concentraremos no período em que ocorre o surgimento da organização político.

A nossa análise encontra no ano de 1968 a sua primeira parada mais demorada, já que este ano entrou para a história do Ocidente como sendo um dos momentos de maior intensidade da atividade política no século XX. Massivas manifestações com uma incisiva contestação da ordem capitalista eclodem em vários países do centro e da periferia global. Na maior parte dos países onde estes massivos levantes ocorreram (em função de uma série de questões que não podemos discutir aqui) uma escalada repressiva sucedeu e esmagou as mobilizações (MATOS, 1998).

No México a situação não foi diferente e segundo diversos autores, o ponto alto dos enfrentamentos teria se dado no episódio que ficou conhecido como o “Massacre da Praça das Três Culturas”, em Tlatelolco, quando dezenas de manifestantes foram mortos em confrontos com o aparato repressivo do Estado. Este evento é considerado um marco da história política contemporânea deste país, afinal, uma parte significativa das diversas correntes e agrupações atuantes em seu cenário político atual, entre estas o núcleo que irá fundar o EZLN, são oriundos desta conjuntura (Genari, 2003; Hilsenbeck; 2009; Le Bot, 1996).

Sob o peso desta derrota, parte das lideranças se integra ao sistema, outra se engaja em movimentos sociais urbanos ou camponeses, funda novos partidos de esquerda, enquanto alguns dos antigos líderes optam pela guerrilha urbana. Entre os que fazem esta opção, há pequenos grupos que iniciam um processo de acumulação de forças bem diferente do que é trilhado pelos demais. (Gennari, 2003, p.7).

Segundo Figueiredo (2003), já em 1969 são fundadas as Frentes de Libertação Nacional (FLN)⁹ com o objetivo de desenvolver um projeto revolucionário inspirado na tradição guerrilheira latino-americana. Claramente inspirada na conjuntura do período que apontava para o sucesso da luta armada após a vitória da Revolução Chinesa (1949) e da Cubana (1959), as FLN acabaram sendo forçadas a desenvolver uma estratégia distinta das demais guerrilhas da América Latina, porque não podia contar com o apoio financeiro de Cuba e da URSS. Isto porque o Partido Revolucionário Institucional¹⁰ (PRI) nesta época pousava para o restante da América Latina como sendo uma exceção progressista entre as diversas ditaduras que se instalaram em diversas nações latino-americanas neste período. Desta forma, mesmo que a relação do PRI com a esquerda estivesse confinada ao plano discursivo, vide o Massacre de Tlatelolco, ainda assim o México era um dos poucos lugares em *nuestra América* que a militância revolucionária não era considerada indesejável e isto fazia com que nenhuma tendência política mais radical estivesse disposta a bancar grupos revolucionários neste país.

Em decorrência destas injunções, a FLN à revelia das demais guerrilhas americanas acabou sendo forçada a desenvolver meios autônomos para financiar a luta armada, de modo a prescindir de auxílios oriundos do estrangeiro, fossem eles: financiamento, armas, ou treinamento militar. Não conhecemos nenhum estudo específico sobre a história das FLN, mas diversos autores apontam que na sua estratégia existia uma recusa da utilização de assaltos a banco como fonte de divisas para o movimento e que as Frentes se propunham a uma organização da luta numa perspectiva financeiramente mais modesta, mas de maior fôlego, numa estratégia de longa duração (Le Bot, 1997; Hilsenbeck, 2007, Figueiredo, 2003).

Durante a década de 1970 teria se instalado em Chiapas o primeiro núcleo das FLN.

⁹ As Frentes de Libertação Nacional são fundadas no final da década de 1960 na cidade de Monterrey (Hilsenbeck, 2007; Figueiredo, 2003; Le Bot, 1997). Na bibliografia consultada não existe consenso nem com relação ao ano da fundação das FLN, nem a respeito da sua relação com o EZLN.

¹⁰ O Partido Revolucionário Institucional governou o México durante mais de 70 anos e é conhecido na bibliografia como Partido-Estado, dada a sua fusão com o aparato burocrático legal e a sua hegemonia incontestada na vida política mexicana durante tanto tempo.

Este estado marcado por enormes contrastes sociais vê durante esta década o florescimento de um forte e combativo movimento indígena. Não obstante, a guerrilha é descoberta pelo Exército mexicano e antes mesmo de conseguir avançar no desenvolvimento da sua estratégia de luta revolucionária é dizimada.

Independentemente disto o movimento indígena continua na sua trajetória ascendente e em 1974 a Igreja Católica na figura do Bispo Samuel Ruiz, adepto da Teologia da Libertação, organiza o primeiro Congresso Indígena de Chiapas que marca a primeira articulação mais substantiva do movimento indígena neste estado¹¹.

Após o Congresso Indígena, na maior parte dos trabalhos tornam-se mais esparsas as informações sobre a vida política em Chiapas e o melhor trabalho para este período é, *El sueño zapatista*, de Yvon Le Bot que pinça alguns fatos e datas marcantes para o desenvolvimento do movimento indígena, como o surgimento de diversas Associações e a atuação de várias correntes políticas dentro do movimento indígena até o início da década de 1980, quando o EZLN é fundado.

Mesmo com a morte de diversos dirigentes dos grupos guerrilheiros urbanos e rurais, e a integração institucional de outros membros por meio da anistia, alguns sobreviventes das FLN voltaram a implantar o núcleo guerrilheiro tendo por ponto de apoio e direção as redes urbanas (GPM, 2005). Desta forma, alguns remanescentes e herdeiros das FLN se deslocaram, primordialmente nos anos 1980, para regiões agrárias bem afastadas dos grandes centros urbanos, para realizarem um “trabalho de base” com as comunidades, com vistas a efetivar a idéia do “foco” de guerrilhas, oriunda do guevarismo, e permanecer com as esperanças revolucionárias. (HILSENBECK, 2007, P. 91)

É assim que os guerrilheiros que das FLN retornam à Chiapas. Conforme o tempo passa e o pequeno grupo se fixa na região, o que o Subcomandante Marcos denomina de “intelectuais orgânicos” ou de a “elite” do movimento indígena se aproxima dos guerrilheiros. Estas duas correntes rapidamente entram em acordo com relação ao esgotamento da via pacífica como alternativa para a mudança do panorama político e social do México. E é com o objetivo de criar uma saída alinhada com esta análise de conjuntura que, em novembro de 1983, o grupo de guerrilheiros oriundos do meio urbano e os militantes mais experimentados

¹¹ Sobre a importância do Congresso Indígena de Chiapas também não existe consenso na bibliografia. Existe um trabalho prestes a ser publicado em que o autor, Igor Luis Andreo, defende a tese de que o Congresso Indígena de 1974 teria sido a expressão de um amplo trabalho político desencadeado pelo Bispo Samuel Ruiz em Chiapas e que sem este evento o surgimento posterior do EZLN seria improvável.

do movimento indígena fundam o EZLN.

As informações sobre o que vai de 1983 até 1994 quando não são muito escassas, não buscam fazer uma análise da relação do EZLN com o movimento indígena em Chiapas. Nosso objetivo com este trabalho não é realizar esta análise, que pretendemos realizar posteriormente, mas utilizar o espaço do evento para discutir e pensar sobre o valor desta abordagem para a compreensão do movimento zapatista.

Considerações Finais

Neste trabalho procuramos fazer a apresentação de uma proposta de abordagem para a análise da história do movimento zapatista. Nos esforçamos para trazer alguns elementos que nos motivaram a formular esta hipótese de interpretação do processo de construção da revolta zapatista, assim como da posterior base teórica e prática que possibilitou a construção dos Municípios Autônomos Zapatistas. Esperamos que tenhamos alcançado o nosso objetivo e que de alguma forma esta discussão contribua para o evento.

Referências Bibliográficas

CECENA, Ana Esther. 20, 10 y la historia infinita de las utopías en construcción. In: Debates: Diez Anos Del Levante Zapatista. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/osal/osal12/d2cecena.pdf> (Acesso em: 10 ago. 2013)

CORREA, Felipe. MAGONISMO E ZAPATISMO: Paradigma Latino de Resistência. Disponível em: < http://www.fondation-besnard.org/article.php3?id_article=646 >. Acesso em: 9 jul. 2013.

_____. Questões Organizacionais no Anarquismo. Disponível em: < <http://www.anarkismo.net/> > (Acesso em: set. 2013)

FARJ. Anarquismo Social e Organização. Rio de Janeiro: Faísca, 2001.

FIGUEIREDO, Guilherme Githay. A guerra é o espetáculo: Origens e transformações da estratégia do EZLN. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

LE BOT, Yvon. EL sueno zapatista. Ebook. Disponível em: <http://bibliocdd.6te.net>

HILSENBECK, Alexander. Abaixo e à esquerda: uma análise histórico-social da práxis do Exército zapatista de Libertação Nacional. Dissertação (Mestrado). Marília: UNESP, 2007.

MALATESTA, Errico. Anarquismo e Organização. Disponível em: < <http://www.marxists.org/portugues/malatesta/1927/mes/anarquia.htm> > Acesso em: Jan. 2012.

MATTOS, Olgaria C. F.. Paris 1968: As barricadas do desejo. Brasiliense: Rio de Janeiro, 1989.

MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre. Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

PÓLITO, Elizabete; ESPONDA, Juan González. Cronología. Veinte años de conflictos en el campo: 1974-1993. Revista Chiapas Número 2. Disponível em: <<http://www.revistachiapas.org/chiapas-pres.html>> (acessado em: 4 set. 2013).

JOXE, Alain. Siete características de las guerrillas latinoamericanas. Revista Chiapas Número 5. Disponível em: <http://www.revistachiapas.org/chiapas-pres.html>
TODOROV, Tzevtan. A Conquista da América. São Paulo: Martins Fontes, 1985.